

O coração grosso: migração das almas e dos sentidos

LUCIA HELENA
UFF - UFRJ

— *Anda, excomungado.*

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. [...]. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde.

Graciliano Ramos, *Vidas secas*

[N]uma rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina.

Clarice Lispector, *A hora da estrela*

Fabiano, Sinhá Vitória, menino mais velho, menino mais moço erram pelo sertão, mais bichos do que homens. “A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante”¹. Parente próxima, Macabéa nasceria anos depois, “inteiramente raquítica, herança do sertão — os maus antecedentes de que falei.”²

1. Ramos, Graciliano, *Vidas secas*. 40a. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978, p. 20.

2. Lispector, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, p. 35.

Macabéas e Fabianos trazem no corpo as marcas de um viver à margem, seja dos códigos instituídos, que não dominam, seja pela destituição das condições básicas de sobrevivência e de cidadania. A linguagem que usam faz-se parceira de sua forma andarilha de viver, de modo que o traço migrante configura o corpo e a alma. Precocemente envelhecidos, remetem a uma organização social que faz da exclusão uma forma de tutela. Levas de migrantes, ao longo da história, falam dessa marcha, mascarada em destino.

Fabiano encontra seus percalços num tempo em que novo processo de produção adentrava o sertão brasileiro. Se em *São Bernardo* as tentativas do protagonista de enriquecer a qualquer preço eram parte das armadilhas da introdução da modernidade entre nós, fazendo com que Paulo Honório se revelasse “o emblema complexo e contraditório do capitalismo nascente”,³ Fabiano, desde o início de *Vidas secas*, é vítima do sistema.

Ao contrário de Paulo Honório, dinâmico, empreendedor e cruel, ele é incapaz de arquitetar uma saída, fora do cíclico movimento de ir-e-vir em que se instala, na busca de escapar da seca. Sem vocabulário, não encontra resposta para as perguntas dos meninos, “Esses capetas têm idéias...”⁴, que deve evitar e espreitar, pois despertam-lhe a memória de que não sabe como ser homem, próximo que está das coisas e dos bichos, num estado de permanente reificação. Como uma das peças fundamentais de crítica dessa questão, a objetividade e secura da narração, nos dois romances, faz-se interpenetrar de uma surpreendente subjetividade, o que proporciona ao leitor contato profundo com a densidade daqueles seres marcados pela premência e pelo quase desumano modo de ser e de estar no mundo.

3. A observação é de João Luiz Lafetá, em “O mundo à revelia”, posfácio à vigésima sétima edição de Ramos, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 1977, p. 181.

4. Ramos, Graciliano. *Vidas secas*. p. 21.

Move Paulo Honório a vontade de poder e de transformar o mundo pela acumulação, com o silenciamento da subjetividade. A história (assim como o conceito de História que dela se pode depreender) responde, num primeiro nível, ao impulso da linearidade: a posse da terra, da mulher e do filho. Há, ainda, um complicador inicial, na tentativa de apropriação do trabalho intelectual alheio — embrião a falhar: a posse do livro. Opondo-se a esta linearidade, em *Vidas secas*, Fabiano avulta do relato em capítulos fragmentados e circulares. Ele não só acredita que seu destino é caminhar sem saber para onde, de modo a escapar de uma sina, no rolar de um eterno retorno ao nada de que partira, como também a forma da narrativa endossa esse conteúdo.

Esses dois modos — o da repetição perpétua de uma fatalidade trágica (Fabiano) e o de um *ethos* que tudo sacrifica pela marcha inexorável do progresso (Paulo Honório) —, estão postos em cheque pela narrativa de Graciliano Ramos, que não opta nem por uma, nem por outra, antes sublinhando o estratagema aprisionante que urde essa (aparentemente inevitável) antítese, construindo duas modalidades de herói problemático.

Se a oposição que se estabelece em Graciliano é, como já dissemos, da ordem de uma polêmica entre duas esferas complementares — o destino trágico e a consciência humana —, em *Lispector* a tensão binária (como forma de se conceber a história e a História) encontra-se rasurada, pela quebra tanto da concepção linear de tempo, quanto pela ruptura com a linearidade do que se vai ler. A narrativa de *A hora da estrela* é estruturada como se fosse uma dobradiça: a construção das peripécias de Macabéa debruça-se sobre o solilóquio do narrador, que indaga como e por quem o relato deve/não deve ser contado. A série de cogitações sobre a morte de Macabéa é uma outra dobra no texto, a complicar e deslinearizar o desenrolar da ação. O narrador hesita em matar sua personagem, parodiando forças do destino: as da fatalidade e as da ópera a que subterraneamente se refere, urdindo uma “ópera bufa” em que Macabéa nasce e morre na trajetória da escrita e não mais

através da concepção de que o ato de narrar possa transcrever um mundo que o antecede. A dimensão do herói problemático ganha outra corporificação nesta personagem que tem o seu tanto de *clown* chapliniano.

Ao percorrer as narrativas de Graciliano Ramos e a de Clarice Lispector, o leitor assiste à migração de uma idéia: a do ato de narrar em suas várias modalidades. Acompanha, igualmente, a movimentação, no tempo e no espaço, da figura do migrante como tema e personagem narrativo.

É que as idéias assim como os homens são expulsos do lugar. Mas, assim como os homens, também elas vivem de si mesmas, “como se comessem as próprias entranhas”.⁵ O texto de Lispector, desse modo, reinscreve noutro patamar as formas de se conceituar a História e a história, ao reclamar alusivamente as duas narrativas de Graciliano Ramos em que se destacavam a figura do migrante. Processa-se, nesta migração de sentidos, uma releitura do moderno na modernidade tardia.

Produzida na fronteira dos anos 70 para os 80, Macabéa — que perambula pela cidade grande e ouve a Rádio Relógio Federal transformada numa comovente fonte de sabedoria inútil — é de um tempo em que a estrutura do capitalismo há muito deixou seu estágio primitivo e agora dá cartas de modo bem mais sofisticado, apenas deixando à cartomante a tarefa dos vaticínios.

Diferente do estilo reto de Graciliano Ramos, em que um mundo real se revela pela força contundente da aridez de uma escrita em que a sociedade se move como rolo compressor sobre o corpo dos oprimidos, no texto narrado por Clarice Lispector a realidade desliza movediça entre o ato de narrar e o de seu questionamento. Expulsos de lugar, os migrantes de Graciliano Ramos são, em Clarice Lispector, iguais na

5. Lispector, Clarice. Opus cit., p. 47: [Macabéa] “Vivia de si mesma como se comesse as próprias entranhas.”

penúria, cães sem pluma dos quais tiraram até o que não têm, embora em conteúdo e forma sejam também muito diferentes.

Considerando-se o traço de fatura neo-realista assumido pelo romance regional nordestino, Graciliano Ramos já apresentava, nos anos 30, uma considerável alteração de rumos pelo não caudaloso do relato e pela carga de subjetividade da indagação existencial. Adensando a marca subjetiva (uma vez que Lispector tematiza o limite da própria vida ao escrever sabendo da morte iminente), *A hora da estrela* investiga, além disso, o ato de se conceituar e narrar a história dos vencidos, pondo em questão, sob ironia trágica e em certos momentos enternecida, a forma narrativa consagrada nos anos 30 e de extração próxima ao Naturalismo.

Ainda que Rodrigo S. M. planeje tornar-se semelhante a Macabéa, pois “[...] para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada”,⁶ a narração estabelece uma ousada tensão entre a migração das idéias e a dos homens. Ou seja, joga-se sutilmente com um duplo procedimento: aquele que alude à similitude entre a obra e o mundo narrado (sob o qual se esconde uma conceituação de que a narrativa é simétrica ao que lhe é exterior, podendo reproduzi-lo) e a rasura desta concepção do literário, abrindo outras formas de conhecer o estatuto da narrativa e o manejo das ações e destino dos protagonistas migrantes.

Ao longo das páginas de *A hora da estrela*, essa concepção é rasurada, assim como já fora insinuado nas páginas de *São Bernardo*, nas quais duas formas de escrever (e dois livros) são tematizadas: aquela que se realiza pela divisão do trabalho, na qual o ofício do autor Paulo Honório seria pôr o seu nome na capa e custear a edição, e uma outra que, sob a égide do pio da coruja, faz dele o autor de um texto em que

6. Lispector, Clarice. Opus cit, p.25

se investiga o sentido da existência. Acumulando o factual ao adivinhado e ao vivido, ou, dito de outra forma, articulando a percepção ao que é intelectualmente construído e afetivamente sentido, a narrativa de Rodrigo S. M. “se me grudou na pele”.⁷ “Vejo a nordestina se olhando ao espelho e — um ruflar de tambor — no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos intertrocamos.”⁸

A narrativa de Rodrigo S. M. (“na verdade Clarice Lispector”, como impresso na folha de rosto) discute as formas de projetar um mundo no outro; o que é externo ao texto, os fatos, impregna-se na dimensão da palavra, recebendo outra locação: se os fatos são “sonoros”, ou seja, podem ser ditos, escritos, descritos, contados, há todavia que se considerar o sussurro e o silêncio.

No discurso clariceano, amplia-se o pio da coruja, metáfora de Graciliano Ramos. Abre-se, com isto, mais uma fresta no registro do neo-realismo e do neo-naturalismo, que passa a ramificar-se para uma dimensão imprecisa, não figurativa, movediça. Assim é que a relação entre o fato e sua gravação como “coisa da escrita” passa a ser focalizada não como de similitude, mas de labilidade.

A escrita é concebida como instância que faz a idéia migrar em fato, e este em idéia, numa metamorfose permanente e inestancável. Este é um modo magistral de tratar a metáfora e o caráter “lacrimogênico”, “piegas” que poderia advir de uma sublimação ingênua ou culpada do tema da miséria social. E, também, recurso para encenar a zona rarefeita, problemática, em que se elaboram as noções de identidade (da narrativa e dos personagens): um campo em que a tensão entre o vazio e a plenitude jamais se esgota, num processo que se operacionaliza pela metamorfose. A começar, pela do narrador que, num primeiro momento, se apresenta neutralizado na “terceira pessoa” e, a seguir, vai ser nomeado no masculino — Rodrigo S. M.; até que,

7. Lispector, Clarice. Opus cit, p. 27.

8. Lispector, Clarice. Opus cit, p. 28.

numa terceira etapa, se apresente sob a possibilidade (falsamente recusada) de que a narrativa poderia também ser de uma escritora mulher, com o risco (ironizado) de que esta não saberia evitar o derramamento de emoções e, muito provavelmente, produziria um texto sentimental e piegas. A narrativa de Lispector não busca explicar, nem dar depoimento. Mas suplementar novas versões de mundo a serem dinamizadas pela leitura “a contrapelo” da história de Fabianos, Paulo Honórios e Macabéas.

Não interessa aqui encaminhar uma investigação da migração/imigração no trato apenas semântico e dicionarizado dos termos, nem simplesmente reunir, recensear e analisar textos em que haja a presença do migrante/imigrante, sobre a qual, ou através da qual, os escritores nos diriam algo.

Examina-se, suplementarmente, o tratamento dado ao problema da migração como forma e conteúdo textual, em busca de fornecer subsídios para estabelecerem-se e problematizarem-se as relações entre escrita, migração e construção da identidade na literatura. E isto porque num dado momento percebemos nos textos tratados que a migração dos homens, ao implicar também a migração dos sentidos, apontava para a migração das idéias e afetava, construindo-os e desconstruindo-os, os conceitos de subjetividade e identidade, vistos como conteúdo e forma articulados no tempo (na constituição da subjetividade) e no espaço (na migração dos homens e na interação disso com a constituição das idéias e da subjetividade).

A escolha de *Vidas secas* e *A hora da estrela* deve-se ao fato de que neles a migração é trabalhada, reiterada e agudamente, como deslocamento de formas e sentidos, ainda que no primeiro haja um acento mais vinculado ao “moderno”, na subterrânea utopia da revolução social que redimiria Fabiano do desconcerto e da injustiça; e, no segundo, exista um aceno mais próximo da modernidade tardia, que faz com que a conceituação do sujeito e da subjetividade seja tratada de modo mais pulverizado, como um processo de significação de natureza instável. Desse modo, não sendo livros contemporâneos entre si, permitem que

se apreenda o deslocamento da concepção de História e do tema da migração em dois momentos estruturais na formação da cultura brasileira, nas relações que estabelecem entre o processo de produção econômico-cultural e o literário. Sendo assim, depreende-se da obra de Graciliano Ramos a tematização do indivíduo como sujeito da História, capaz de modificá-la e de ser por ela responsável diante do tribunal dos homens, enquanto na de Clarice Lispector se contempla o esbatimento dessa concepção. *A bora da estrela*, diferentemente de *Vidas secas*, ao trabalhar o migrante na figuração de Macabéa, focaliza o indivíduo, o sujeito e a subjetividade como instâncias que se dimensionam pela dramaturgia da linguagem: o modelo da intervenção heróica, seja porque as sociedades se afastaram dos ideais (que impulsionam o heroísmo), que ainda alimenta a concepção de Paulo Honório e de Fabiano vistos como heróis problemáticos, está descartado em Macabéa e no próprio *doublé* de intelectual, o narrador Rodrigo S. M. O tom de melancolia chapliniana rediscute a cooptação do intelectual e seu mal-estar em face dos mitos da modernidade. Apesar dessas diferenças de não pouca monta, em ambos os textos, o *outro* não está nunca além ou fora de nós. Emerge, com força, na complexidade dinâmica da migração, e aparece como uma forma de ressignificar, como exílio e errância, o deslocamento dos que, de algum modo, foram banidos ou estão sem lugar.

O movimento de Fabiano e de sua família, de um lugar para outro, fugindo da seca, toma impulso na força do destino que lhes parece hostil. Gradativamente, a narrativa vai transmutando esse destino em algo que frutifica não da natureza mas do ato consciente que emana de um sistema de dominantes e dominados que, mantendo a natureza agreste, retém o poder no circuito dos que detém a posse da terra e de seus ocupantes. Migrar passa a ser não força de um destino, mas destino forjado pela força do mandonismo. Do ponto de vista formal, a migração indicia um dialogismo cultural em que o processo de significação e de constituição da subjetividade produzem sentidos móveis, instáveis, em que o quem sou/quem és subjaz como problema. O desejo de falar

como seu Tomás da bolandeira, sem o ser e a tentativa de dar forma ao que ainda não é idéia levam Fabiano a construir frases semanticamente impossíveis, das quais o sentido também se encontra exilado: “ — Como é camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro? — Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de Seu Tomás da bolandeira: — Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme.”⁹

Deslocado de lugar, sem fazer sentido socialmente, o migrante é dado como incompetente para formular sentido. Bicho, coisa, pertence à terra e entre grunhidos tem a fala entrecortada de silêncios e sussurros. Nesse contraditório modo de ser e de estar, quanto mais se move, mais preso se encontra. Ao tentar a sorte, Macabéa descobre a morte.

Nada disso é esquematizável. Os dois fragmentos postos como epígrafes dizem da complexidade dessa estratégia, que se realiza entre o deslocamento e o repouso. A linguagem em plena posse do trânsito entre dizer e silenciar. A tradição neo-realista e a fresta que nela se abre criam a diferença, fundamental, entre cumprir um destino e traçar um rumo. Entre o acaso, o destino e a vontade. “Onde estamos, quando pensamos?”¹⁰

O texto de Clarice Lispector traz, no seu ser em dobradiça, a citação subterrânea não só do texto de Graciliano Ramos como também a da série social do romance nordestino de 30. Rodrigo S. M. vai deixar de barbear-se, vestir-se mal, simular ser um dos desvalidos. Na obra de Clarice, em que outros textos sobre personagens migrantes são postos em dialogismo, está-se discutindo, conforme já foi dito, o que se entende pelo ato de narrar e em que medida e como ele contribui para construir (e desconstruir o conceito substancialista de identidade) a identidade

9. Ramos, Graciliano. *Vidas secas*, p. 29.

10. Arendt, Hanna. *A vida do espírito*. O pensar, o querer, o julgar. 2a. ed. revista. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993, p. 195.

dos homens (e a da própria escrita literária). Trata-se de um tipo de texto que, ao tomar a seu cargo apresentar seres em metamorfose, examina também a errância dos sentidos e das idéias que sustentam as construções identitárias.

Tanto no texto de Graciliano Ramos como no de Lispector relê-se uma questão antiga: a do impasse dos homens diante de seu livre arbítrio e de algo a que se costuma chamar destino e, por vezes, moira, acaso ou fatalidade.

Em *A bora da estrela* a relação de labilidade entre migração, identidade e sentido advém, inicialmente, da invulgar quantidade de possíveis titulações (são treze hipóteses, incluindo o título dado ao livro) "penduradas" na folha de rosto, como se fossem folhetos de cordel estendidos nas feiras nordestinas. Estas titulações por vezes se reagrupam, como em "o direito ao grito" e "ela não sabe gritar", ou em "a culpa é minha" e "eu não posso fazer nada", em que os sentidos de passivo e de ativo interagem. Isso estabelece uma relação em que as partes funcionam como perguntas e respostas ou ainda como formas de se focalizar, por mais de uma entrada, o percurso de Macabéa.

Os treze títulos do texto, mais do que definirem e restringirem sentidos, função que se costuma atribuir à titulação, ampliam-nos, deixando que a significação de "a hora da estrela" se preencha ou se esvazie de sentidos pela interação com as demais nomeações. Ou, ainda, que cada título se manifeste como mais uma possibilidade, dentre outras, de uma titulação em mudança, ou seja, uma estratégia formal para indicar quão nômade e errante é a trajetória da significação literária.

Em *Vidas secas* a labilidade se dá pela contraposição entre a liberdade de estrutura de um para outro capítulo e a seca e migração recorrentes, estabelecendo-se um conflito entre a transformação e o inexorável. Contudo, a obra indica que tanto a seca quanto a migração poderiam ser revertidas por intervenções político-sociais, não tendo o caráter de desígnio de deuses irados ou de uma natureza incontrollável.

Ícones da visão trágica da existência, Fabiano e Macabéa são migrantes. Em seu poder de memória, a literatura que deles nos fala

torna-se o exemplo paradigmático mais plausível do poder que o espírito tem de tornar presentes os invisíveis.¹¹ De tal modo que sua temporalidade e espacialidade podem ser suspensas pela atividade do espírito, aí residindo a possibilidade dos sonhos, das utopias, profecias, redensões e até das catástrofes, como o holocausto.

Ao descortinar para Macabéa o encontro com a cartomante e o jovem louro — o príncipe lindo e estrangeiro (o imigrante *doublé* de outros vultos verbais textualizados no imaginário cultural, como por exemplo o “colonizador”, o “imperialista”, ou o “capital estrangeiro”, que iria realizar seu sonho de ser estrela, embora, a seguir, a personagem venha a ser atropelada por um carro com a estrela da Mercedes Benz) — a narrativa faz imaginar que o mundo das aparências é um *continuum* de agora intermináveis. E que a temporalidade é uma linha capaz de esticar um “agora” prolongado, no qual o passado seria algo para trás, e o futuro, o estágio positivo do progresso a ser atingido.

Ao lidar com a matéria rarefeita desse imaginário (cujas corrosões já fora exibida em pelo menos dois textos de Machado de Assis: o conto “A cartomante” e a abertura do romance *Esau e Jacó*), *A hora da estrela* aciona e desmonta a concepção de História como linearidade sempre em direção a um *telos*. Ao destruir o vaticínio da cartomante, contribui para questionar o conceito principal e novo da Era Moderna — a noção de Progresso como força que governa a história humana — que colocou uma ênfase sem precedentes no futuro.¹²

Nascida de maus antecedentes, Macabéa não progride. Na sociedade em que se estabelece a noção de progresso como mola propulsora, a migrante Macabéa não encontra espaço. Retirante sertaneja, esfacela-se num meio-fio qualquer da cidade grande. Expondo o logro da promessa de progresso, o texto recusa-se a referendar uma forma de se refletir sobre o mundo, que faria da Vontade o dínamo do futuro. Um

11. Arendt, Hanna. Opus cit., locus cit.

12. Arendt, Hanna. Opus cit., p. 201.

dos mitos do capitalismo nascente, estudado por Ian Watt¹³ é o *homo economicus*: o indivíduo que, pela ambição inexorável e pela vontade de acumulação terá seu futuro garantido. A visão trágica que orienta a construção do perfil de Fabiano e Macabéa, e questiona o mundo em que estão inseridos, é conduzida por outra forma de se pensar a História, fora da égide do progresso.

Sentidos diversos no dicionário, migrar e imigrar têm no deslocamento um ponto em comum: a ação de ir e vir, mesmo contra a vontade, em busca do que falta. O migrante e o imigrante, quando no sertão, são regidos por lei não escrita, vinculam-se ao solo e dele derivando substância e vida ao movimento e ao tempo que lhes resta. Talvez por isso caminhar pareça imperioso a Fabiano, que sente insuportável a recusa do filho em continuar a marcha. Despossuído, resta-lhe continuar sua procura, deambulando no espaço.

Deslocada para a cidade, Macabéa se torna, todavia, um ser no tempo. Retira da marca das horas da Rádio Relógio Federal o viver e o saber que não tem. E acorda aos domingos mais cedo, para ficar mais tempo sem fazer nada. Mas seja no tempo, seja no espaço, Fabiano e Macabéa se encaminham a lugar nenhum.

Na sociedade contemporânea, o projeto de felicidade, progresso e justiça social, elaborado no Iluminismo, ainda promete impulsionar para adiante. No entanto parece terem ficado claras as poucas luzes de suas promessas, pelo menos aos que, sob o impulso dos que buscam a arremetida social para cima, sustentam-na, levados para baixo.

Idealizando mudanças, e tendo executado algumas, a promessa do progresso, com sua seta teleológica, como a sorte lançada pela cartomante, ou a seca de eterno retorno, traz em seu bojo a cadeia de um vírus supostamente domado. Estudando o holocausto, hoje se considera até que ponto é eticamente cega a busca burocrática da

13. Watt, Ian. *Mitos do individualismo moderno*. Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

eficiência. Estaria no bojo da modernidade uma vontade de construir a História a qualquer preço, sem que se conseguisse romper com a estrutura de dominantes e dominados. Graciliano Ramos e Clarice Lispector trataram do problema com agudeza.

Na deriva do projeto de intervenção dos românticos revolucionários, críticos da moderna sociedade burguesa e da civilização criada pela Revolução Industrial, Graciliano Ramos configurou personagens migrantes que apontam para uma estrutura narrativa urdida a partir da categoria do herói problemático e da visão trágica do mundo. Sua obra instala, na década de 30 no Brasil, valiosa crítica de um sistema que, se anunciou uma nova era, também explicitou um processo de reificação da consciência, já intuído, no século XIX, por Alencar e ironizado por Machado e Lima Barreto, e que jamais deixou de fornecer subsídio à sensibilidade da melhor literatura do século XX.

Década de transformações ao longo do planeta, os anos trinta jogam luz na obscuridade que se oculta sob o anúncio apoteótico do moderno em sua ambigüidade fundamental. Como hidra bifronte que enfrentasse a si mesma, de um lado, implantam-se forças ordenadoras, que concebem a História como progresso, linearidade, continuidade. E dão surgimento ao predomínio da razão instrumental de uma burocracia eficiente e anti-ética. De outro, debatem-se forças que tematizam a História como catástrofe, numa leitura trágica do mundo, promovendo a crítica de suas crises, fazendo despontar uma sensibilidade que procura deter a “tempestade do progresso”, sob a forma de uma utopia do precário. É o caso dos migrantes de Graciliano Ramos e de Clarice Lispector.

Em *Redenção e utopia*, Michel Löwy defende a tese de que, na Europa central dos anos 30, um conjunto de pensadores diversificados, de origem judaica, retomou criativamente duas tradições, articulando-as: a relação entre a totalidade e o fragmento, do primeiro romantismo alemão e a transformação redentora preconizada pelo messianismo judaico.

Segundo Löwy¹⁴, do ponto de vista social o judeu continuava a ser um pária na Europa central, mesmo após ter sido ali assimilado no final do século XVIII. E permaneceu pária porque a assimilação não significou uma integração verdadeira, pois os judeus prosseguiram sendo excluídos de muitos domínios (a administração, a magistratura, o exército, o magistério). Hanna Arendt inclusive pondera quão enganosa era a promessa de igualdade que a assimilação fizera cintilar¹⁵.

Estas questões teriam afetado a formação de uma comunidade de intelectuais, de credos políticos e religiosos diversos, é verdade, mas que nos anos 30 manifestam uma afinidade eletiva — tornaram-se pensadores pregressos e livres do compromisso com o pensamento dominante, no sentido de que foram buscar novas chaves para a discussão da crise que desembocará no holocausto. Sua forma de pensar a História, para fora e para além da racionalidade instrumental que muniara a fera multifronte do horror, leva-os a um pensamento revolucionário.

Profundamente assimilados e largamente marginalizados, ligados à cultura alemã, ao mesmo tempo que cosmopolitas, em estado de “disponibilidade ideológica”¹⁶, eles vão reler a tradição judaica através de uma chave antiburguesa. “Nesse contexto particular é que se tece a rede complexa de vínculos entre romantismo anticapitalista, renascimento religioso judaico, messianismo, revolta cultural antiburguesa e anti-Estado, utopia revolucionária, anarquismo e

14. Löwy, Michel. *Redenção e utopia*. O judaísmo libertário na Europa central (Um estudo de afinidade eletiva) Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 34

15. Arendt, Hanna. *The Jew as Pariah*. Jewish identity and politics in the modern age. New York: Grove Press, 1978, p. 68. Ver valiosas considerações sobre o mesmo problema em Arendt, Hanna. *Rahel*. Rahel Varnhagen, a vida de uma judia alemã no romantismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 18-22.

16. Löwy, Michel. Opus cit., p. 35.

socialismo".¹⁷ Desta forma teriam construído um renovador impulso para pensar a História fora da égide do progresso, enfrentando-a como catástrofe na qual o "messias" — as forças de transformação, utopia e redenção — relampeja.

Esta forma de reflexão, juntamente com boa parte da literatura do período, de origem vária, dá conta de uma vertente crítica de pensamento que se revela, hoje ainda, produtiva. Sem se estabelecer qualquer vinculação (nem influência) entre esses pensadores, Graciliano Ramos e Clarice Lispector (ainda que esta seja de origem judaica), o que se pontua aqui é afinidade eletiva que os aproxima, embora entre eles haja também distinções tão óbvias, que são deixadas de fora deste comentário. A integrá-los num movimento de reflexão comum reside a migração de idéias, que se vão deslocando e fazendo migrar sentidos, vinculando-se a eles uma reflexão sobre a utopia: revolucionária, de um lado, construída e desconstruída nos textos desses dois ficcionistas brasileiros; e precária, de outro, na progressiva implosão da visão do sujeito como totalidade ontológica, como se pode ver em suas páginas.

Ao se fazerem aqui convergir o viés da imigração/migração, abre-se um leque de considerações que apontam para a questão da identidade como assunto implícito ou explícito da literatura produzida no Brasil por autores oriundos da cultura judaica, como Lispector; ou não, como Graciliano Ramos. Este leque abrange ainda o problema que parece comum a seus textos, como fundamento de estratégias narrativas, que é o da migração do sentido, característica que acompanha o trabalho desses escritores que, do ponto de vista formal, optam por uma estrutura em constante metamorfose, como já foi discutido.

Na tematização ocidental, a discussão do problema da identidade, em modulações várias, tem uma pré-história de cerca de 2500 anos, numa investigação ontológica surgida com os gregos e reativada pelos românticos, a exemplo da filosofia da identidade de

17. Löwy, Michel. *Opus cit.*, p. 40.

Shelling, no século XIX. Um corte na concepção de identidade como retomada de uma essência perdida na origem, afeita aos nacionalismos dos oitocentos, teria sido dado por Freud, a partir do qual se estaria produzindo uma perspectiva não mais essencialista, pois o *ego* seria focalizado em seus estudos não mais como algo vinculado a uma ontologia, mas como construção móvel de identidade, aplicado ao indivíduo. No momento contemporâneo, há uma onda que diz ser problemático falar em identidades coletivas e nacionais. Com “o fim da História”, o “fim das utopias”, no momento da globalização, a pergunta parece ser a seguinte, como a tem emitido o chamado “primeiro mundo”: — Como seria viver sem identidades coletivas e individuais?

A construção do estado moderno, em perspectiva desde o século XV, com o expansionismo das descobertas, se consolida na fronteira do século XVIII para o XIX. As nações e o nacionalismo hasteavam bandeiras de liberdade, igualdade e fraternidade. O mundo contemporâneo assiste à derrocada desses ideais que, já no nascedouro, foram questionados. A obra de Rousseau é um exemplo disso, no tecido de contradições que atravessa seus textos, se se comparam o *Émile* e o *Contrato social às Confissões* e aos *Devaneios*. Concepções de tempo e história foram erigidas para instalar e dar conta da construção do estado burguês.

Hoje ele se desdobra, num tentacular movimento de internacionalização, previsto no Manifesto de 1848, no qual se problematizava que “tudo o que é sólido desmancha no ar”. O discurso vigente, que reinstala as bases do liberalismo de mercado, tomado como um destino inexorável, culpa as utopias. E o mais atacado vilão, o Iluminismo, é vergastado para o bem e para o mal. O “espírito da época” duvida dos projetos sociais mais generosos. Isto assim exposto releva perigoso reducionismo.

A gravidade dos problemas que enfrentamos em nossa época alerta para o equívoco de uma análise vinculada a um saudosismo do determinismo econômico como força explicativa das contradições. O reducionismo econômico resulta insustentável, entre outras coisas, porque a explicação pela estrutura econômica tende a transformar os

fenômenos políticos e os fenômenos culturais em epifenômenos sem vida nem dinâmica próprias. Mas isto também se complica pelo fato de que, cada vez mais, os fenômenos de extrema importância são simultaneamente econômicos, políticos e culturais.

Relembrando uma observação oportuna de Antonio Cândido, de que a literatura latino-americana do século XIX, especialmente pensando em termos de Brasil, por falta de uma tradição filosófica e de uma sociologia da cultura, teria produzido neste campo reflexão extremamente importante, o raciocínio (feliz e infelizmente, pois se por um lado revela a vitalidade da literatura, por outro indica a permanência do mal-estar de nossas teorias econômicas, sociais e antropológicas) parece válido, hoje também. Pode-se ir além, supondo que mesmo em países cuja tradição filosófica é farta, ainda nesses a literatura tem desempenhado magnificamente o papel de, ainda que não por missão, refletir (e fazer refletir) sobre o sentido do estar-no-mundo e as diferentes modalidades de identidades, coletivas e individuais.

Os romances aqui abordados têm em comum o despertar de uma dupla consciência crítica no leitor. De um lado, indicam que o processo de significação é feito do deslocamento incessante do que se quer significar, mas em si não significa; de outro, sublinham a conexão entre este procedimento e a tematização da identidade como algo também migrante.

Ao se desenharem, ainda, no horizonte das utopias, eles pensam e repensam a utopia do precário: aquela que vislumbra a leitura e a construção da História sob a lente alegórica da ruína, da falta, do elemento residual e lacunoso que faz ruir a dinâmica hierárquica das dicotomias rígidas. A utopia do precário constrói-se como um presente em que o passado e o futuro relampejam, e inclui o recalcado e o oprimido. E, ao conceber assim o curso da História, dá voz ao latente, ao descentrado, à alteridade e à diferença.